

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

DANIEL SILVA DE SOUZA

**O PROBLEMA DO MAL EM C. S. LEWIS**

Florianópolis

2023

DANIEL SILVA DE SOUZA

**O PROBLEMA DO MAL EM C. S. LEWIS**

Pesquisa Supervisionada submetida ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Jerzy André Brzozowski.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Daniel Silva de  
O problema do mal em C. S. Lewis / Daniel Silva de  
Souza ; orientador, Jerzy André Brzozowski, 2023.  
38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Filosofia,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Problema do mal. 3. C. S. Lewis. 4.  
Problema da dor. 5. Livre-arbítrio. I. Brzozowski, Jerzy  
André. II. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Graduação em Filosofia. III. Título.

DANIEL SILVA DE SOUZA

**O PROBLEMA DO MAL EM C. S. LEWIS**

Esta Pesquisa Supervisionada foi julgada adequada para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Filosofia.

Florianópolis, 17 de julho de 2023.

**Pareceristas:**

Prof. Dr. Jerzy André Brzozowski.

**Orientador**

Prof.(a) Dr.(a) Jaimir Conte

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Dr.(a) Italo Lins Lemos

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

**Florianópolis, 2023**

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família pelo inteiro apoio e real motivo de minhas alegrias.

À sociedade brasileira que me proporcionou com seus impostos essa experiência ímpar de conhecimento.

Aos Professores e Professoras do curso pelo total incentivo e convite contínuo de parceria no aprendizado.

A R. C. Sproul que provocou em mim o desejo pelo pensar.

A C. S. Lewis que me seduziu por suas inquietações a querer olhar o mundo com suas lentes.

Ao meu Deus, Criador, que não me fez e faz esquecer de sou e faço o mal.

*“Eu tinha vontade de pedir desculpas ao nosso cachorro por pertencer à raça humana. Quanto mais adentrávamos o campo de concentração e víamos os esqueletos revestidos de pele e as instalações características do campo de extermínio, tanto mais eu me sentia inferior ao cachorro, porque, como pessoa, eu pertencia à raça responsável por Dachau.*

**(BOHNEN, 1945)**

*“Foram os humanos, e não Deus, que produziram mesas de torturas, chicotes, prisões, escravidão, armas, baionetas e bombas; é pela avareza humana, ou estupidez humana, não pela grosseria da natureza, que temos pobreza e excesso de trabalho”.*

**(LEWIS, 1940)**

## RESUMO

O presente trabalho visa apresentar para academia um notório pensador, o qual entre suas perseguições destacou-se o Problema do Mal. Para isso, surgiram as seguintes problemáticas: C. S. Lewis cunhou em suas obras algum trabalho de relevância filosófica? Em sua produção filosófica foi tratado o tema o Problema do Mal? De qual categoria filosófica do desenvolvimento do tema ele mais se aproximou? Para atinar para tais questões foi realizada uma pesquisa bibliográfica, literária-filosófica, reunidas produções filosóficas sobre o tema, e por fim, analisado especificamente o tema do problema do mal na obra “O Problema da Dor”, como delimitação teórica. Essa pesquisa deseja contribuir para a História da Filosofia com mais um grande pensador, C. S. Lewis, e suas inquietações.

**Palavras-chave:** Problema do mal, Agostinho, Problema da dor, Livre-arbítrio, C.S. Lewis.

## ABSTRACT

The present work aims to present to the academy a notorious thinker, who among his pursuits highlighted the Problem of Evil. For this, we had the following problems: did C. S. Lewis coin any work of philosophical relevance in his works? Was the theme of the Problem of Evil addressed in the author's philosophical production? Which philosophical category of theme development did he come closest to? To answer these questions, a bibliographical, literary-philosophical research was carried out, gathering philosophical productions on the theme, and, finally, a specific analysis of the theme of the problem of evil in the work "The Problem of Pain", as a theoretical delimitation. This research wishes to contribute to the History of Philosophy with another great thinker, C. S. Lewis, and his inquietudes.

**Key words:** Problem of Evil; Augustine, Problem of Pain, Free Will, C. S. Lewis.

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>2. O PROBLEMA DO MAL EM LEWIS E NA FILOSOFIA.....</b>	<b>10</b>
2.1. C. S. LEWIS E A FILOSOFIA .....	10
2.2. ABORDAGENS DO PROBLEMA DO MAL EM LEWIS .....	12
2.3. O PROBLEMA DO MAL E A FILOSOFIA.....	19
2.3.1. Charles Taliaferro - Os problemas do mal – Revista UFPEL (2022) .....	20
2.3.2. MIRANDA (2013) - O problema do Mal: uma antologia de textos filosóficos.....	21
2.3.3. Richard Swinburne - O Problema do Mal.....	22
2.3.4 – VAN INWAGEN (2018) – O problema do mal.....	24
2.3.5. COSTA (2002) - O problema do mal na polêmica antimaniquéia de Santo Agostinho .....	26
<b>3. O PROBLEMA DO MAL NO PROBLEMA DA DOR DE LEWIS .....</b>	<b>31</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>37</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conforme a pesquisa investigativa que versa sobre as problemáticas cogitadas no resumo, temática essa que suscitou no graduando o desejo e a busca pela ferramenta filosófica, qual seja o *problema do mal*. Esse tema é fonte de busca inesgotável de questões, que transitam e se imiscuem em todas as áreas da Filosofia. O mal é uma realidade palpável, objetiva, sofrida, da mesma forma que é ainda e talvez sempre será um mistério, dúvida, hesitação e incompreensão. Buscar entendê-lo é como tentar conter o areal da praia que foge aos dedos, não obstante ele opera sobre todo o ser a opressão e a dor. Sobre esse tema ousamos trazer à academia o dizer de Clive Staples Lewis - C. S. Lewis.

Inicialmente, apresentamos uma breve biografia de C. S. Lewis, que o denota além de literato, crítico de literatura, professor de Oxford e Cambridge, palestrante, debatedor, também pensador e filósofo. Considerado um dos mais brilhantes pensadores cristãos do século vinte, perseguiu o problema do mal e contribuiu para o tema com sua lente e pena, produzindo obras especificamente filosóficas e filosófico-teológicas.

No ponto seguinte, abordaremos a contribuição de Lewis por meio de vários comentários de suas obras que implícita ou explicitamente laboram, especificamente, sobre o problema do mal.

No terceiro momento, são expostas as posições de filósofos como Taliaferro, Miranda, Swinburne, e van Inwagen sobre o problema do mal, e, de forma destacada, apresentamos a defesa de Agostinho de Hipona na polêmica antimaniquêia, como substrato teórico e categórico das posições desenvolvidas por Lewis no livro *O Problema da Dor*.

No último ponto, com base no livro acima citado, e como delimitação teórica, desenvolvemos a pesquisa, visando identificar e qualificar o conjunto de argumentos de Lewis, que tratavam sobretudo do problema do mal. Lewis vai defender que o Criador é onipotente e bondoso; que tudo que o Criador fez é bom, sendo a natureza e o livre-arbítrio um bem; que a maldade humana é o resultado de um abuso; e que a dor e o mal nem sempre podem ser consideradas sinonímia.

Ao final do trabalho e como resultado da pesquisa, restarão respondidas as problemáticas cogitadas no resumo, demonstrada a tese de que Lewis, no livro *O Problema da Dor*, desenvolve como resposta ao argumento do mal uma Defesa, e promovida a contribuição reflexiva de C. S. Lewis à filosofia da história, referente ao problema do mal.

## 2. O PROBLEMA DO MAL EM LEWIS E NA FILOSOFIA

### 2.1. C. S. LEWIS E A FILOSOFIA

Clive Staples Lewis – conforme MCGRATH (2013) - nasceu em 29 de novembro de 1898, em Dundela, Belfast, na Irlanda, atualmente Irlanda do Norte. Foi filho de Albert James Lewis e Florense Augusta Lewis. Teve a infelicidade de, em 23 de agosto de 1908, então, com dez anos, perder sua mãe, fato esse que marcaria sua vida. Ele escreve no livro *Surprised*, “*Com a morte de minha mãe, toda felicidade estabelecida, tudo o que era tranquilo e confiável desapareceu da minha vida*” (LEWIS apud MCGRATH, 2013, p. 42).

Tendo em vista o pai ser advogado e, por isso, possuir condições de oferecer uma educação formal de qualidade, Lewis foi enviado para escolas na Inglaterra e, visando sua melhor preparação, em 19 de setembro de 1914, foi estudar com William Thompson Kirkpatrick, em Great Bookham, em Londres. O resultado desse reforço foi sua admissão, em 26 de abril de 1917, no University College em Oxford.

Em 26 de setembro de 1917, foi comissionado no 3º Batalhão de Infantaria Ligeira de Somerset, e, em 17 de novembro, alocado no front britânico perto de Arras na França. Em 15 de abril de 1918, foi ferido em combate em Riez du Vinage e repatriado para recuperação.

Em 13 de janeiro de 1919, retorna a Oxford para continuação dos estudos no University College. Em 31 de março de 1920, ganha o First Class Honours em Classical Moderations. Em 24 de maio de 1921, o Chancellor’s Essay Prize. Em 4 de agosto de 1922, conquista o First Class Honours em *Literae Humaniores*. Em 16 de julho de 1923, o First Class Honours em Línguas e Literatura Inglesa; e, em 1º de outubro de 1925, é assunto ao cargo de professor de Línguas e Literatura no Magdalen College de Oxford.

Em 18 de outubro de 1940, publica *O Problema da Dor*, livro esse que é objeto específico de estudo dessa pesquisa. Entre 1941 e 44, faz várias palestras no Programa Nacional da BBC em Broadcasting House.

Em 8 de setembro de 1947, é postado na capa da revista *Time*. Em 17 de março de 1948, é eleito membro da Royal Society of Literature. Em 04 de julho de 1954, assume a cátedra de Línguas e Literatura Inglesa Medieval e Renascentista na Universidade de Cambridge. Em julho de 1955, é eleito membro da Academia Britânica.

Em 22 de novembro de 1963, morre C. S. Lewis.

Não somente por ter sido escrito que C. S. Lewis era “*um dos mais porta-vozes influentes do cristianismo no mundo de língua inglesa*” (*Time, Religion: Don v. Devil*, 8.09.1947), o don<sup>1</sup> de Oxford destacou-se no universo da filosofia.

Inicialmente, ministrava, nos anos de 1924-25, aulas de Filosofia para graduandos do University College (McGrath, 2013, p. 128).

Segundo Jerry L. Walls (Junior, 2021, p. 32), o trabalho teórico de cunho eminentemente filosófico de C. S. Lewis pode ser comprovado por meio de obras do autor que versam sobre temas como: milagres, o problema do mal e lei moral; também pelo fato de o conteúdo de sua formação acadêmica constar de História Antiga e Filosofia, que o habilitou a ministrar, em 1925, disciplina de filosofia na Universidade de Oxford; e por ter presidido, em 1941, o *The Oxford Socratic Club* que consistia em um fórum de temas ligados ao cristianismo e filosofia, no qual moderava debates e palestrava.

O escritor e biógrafo Colin Duriez (2019, p. 108) ao elucidar sobre o citado Clube Socrático da Universidade de Oxford, presidido por Lewis, desde a fundação até 1954, quando se transfere para Cambridge, relata que a finalidade desse clube seria discutir variadas questões de cunho religioso, suscitadas por ateus, agnósticos e afins, e para isso eram convidados ateus famosos, pensadores contemporâneos, filósofos renomados e importantes cientistas, entre os quais: C. E. M. Joad, Peter Medawar, H. H. Price, C. H. Waddington, A. J. Ayer, J. D. Bernal, Antony Flew, Jacob Bronowski, Basil Mitchell, R. M. Hare, Gilbert Ryle, Michael Polanyi, Michael Dummett, Charles Williams, Dr. Humphrey Havard, Austin Farrer, Dorothy L. Sayers e G. E. M. Anscombe.

Por fim, Duriez (2019, p. 231) apresenta dois trabalhos de cunho exclusivamente filosófico da pena de Lewis, o ensaio “O veneno do Subjetivismo”, publicado no periódico *Religion and Life* (vol. 12), e o livro *A Abolição do Homem*, publicado pela Oxford University Press, ambos em 1943.

Todas essas obras apresentadas, as aulas, palestras e envolvimento no universo filosófico, denotam a envergadura teórica, genialidade e produção de títulos de natureza filosófica de C. S. Lewis, de forma a caracterizar a relevância filosófica de sua lavra.

---

1 – Don é uma forma usada para referir-se aos professores e conselheiros das faculdades das universidades de Oxford e Cambridge, derivado do latim *dominus* (senhor). (Junior, 2021, p. 31).

## 2.2. ABORDAGENS DO PROBLEMA DO MAL EM LEWIS

Neste segundo tópico serão arrolados comentários de diversos autores sobre obras de C. S. Lewis que tratam do problema do mal, como, também, livros do próprio autor citado, no escopo de não só demonstrar o enorme acervo teórico dele sobre o tema em pesquisa, mas, principalmente, denotar como durante sua lavra acadêmica ele perseguiu o problema do mal e demonstrou preocupação com suas danosas consequências na sociedade humana.

No texto *O Tema da Maldade na Trilogia Espacial de C. S. Lewis*, Arthur Barbosa Ferreira (2019), analisa as condutas dos personagens Weston e Devine (*Além do Planeta Silencioso*); Segundo Ferreira, Lewis aponta que a maldade pode proceder de boas intenções, porém de base ética questionável.

Outra abordagem sobre a maldade advém do mito da queda. Nessa a maldade é uma propriedade de toda progênie de Adão e Eva, e tornou-se inata a toda raça humana.

Ferreira afirma que Lewis ainda irá apresentar em sua trilogia espacial outras formas de percepção da ação do mal. Como exemplificado por meio de uma possessão demoníaca, e, também, no trato violento com os animais não humanos. Nessa trilogia Lewis irá defender que a crueldade com os animais não humanos é uma marca da maldade, enquanto o cuidado denota traço de bondade.

A maldade na trilogia tem por base a concepção teológica cristã, a maldade ali é multifacetada e complexa, e sua operação é progressiva e irremediável.

Na obra *Teopoética de um Guarda-Roupa: O Mal em C.S. Lewis*, Kamila Almeida (2010) escreve que para Lewis a lei moral é intrínseca ao ser humano, este consegue discernir o que é certo e errado. A diferença dessa lei das demais leis da natureza, como a da gravidade, é que para estas o ser humano não tenha a escolher de submeter-se ou não, já para a lei moral há a possibilidade de escolha.

Chama-se de livre-arbítrio a possibilidade do ser humano poder escolher fazer o bem e o mal. Isso é o poder de escolha contrária ou a liberdade de indiferença.

No texto *Sofrer, para quê? Um ensaio sobre o sofrimento no pensamento de C. S. Lewis*, Gabriele Gregersen (2016) entende que o livro *O Problema da Dor* – (doravante, PD), de Lewis, é um clássico teológico-apologético do século XX, e como outras obras do mesmo autor a temática do mal também o permeia. O PD torna mais explícito essa abordagem, inclusive usando a palavra Pecado. A importância do PD se faz como argumento contra o ateísmo que quer vincular Deus ao mal.

Lewis defende que Deus é onipotente, mas não viola as leis da natureza por ele criadas. Entre essas leis está a da liberdade de sua criatura. Infringir tais leis não combina com a essência e propósitos divinos. A essência divina foge a nossa limitada percepção, mas podemos intuí-la como fazemos com as regras da matemática.

Onipotência significa fazer o que quiser menos o impossível intrínseco, assim a onipotência abrange a realização de milagres, porém não o absurdo, pois o Criador atenta para as regras por ele estabelecidas. Para uma sociedade de seres livres é necessário que as leis da natureza sejam independentes e inexoráveis.

Segundo Greggersen entende Lewis defende que a liberdade implica o atendimento a uma Ordem Natural e com ela a possibilidade, não necessidade, do mal e do sofrimento. No livro é afirmado que a tentativa de eliminar a possibilidade do sofrimento da ordem natural, causado pela liberdade, fatalmente resultaria na exclusão da própria vida.

Essa postura de Lewis, segundo a autora, caminha claramente para um tipo de teodiceia, considerando que tenta conjugar a realidade e necessidade do sofrimento com a bondade e presciência divina. Ele tenta conceber um mundo em que o sofrimento e a bondade do Criador não entram em conflito insuperável e inexplicável.

Ainda, segundo Greggersen, Lewis vai chamar a atenção para a confusão conceitual com os termos: bem e bondade do Criador, quando a estes é significado equivocadamente o “desejado”, o “conveniente”, e similares. A bondade e amor do Criador comunga com a presença circunstancial do sofrimento, principalmente, devido a realidade da queda.

No Podcast - *The C. S. Podcast with Alister McGrath*, em que Ruth Jackson entrevista Alister McGrath, este afirma que Lewis levanta a discussão sobre o querer fazer o Bem, disso advém a pergunta: “Como sabemos que algumas coisas são más?” Quando C. S. Lewis era ateu um dos argumentos para tal concepção era não ser possível coadunar a existência de Deus com a existência do mal.

Outro ponto relevante é asseverar que a injustiça no mundo também atenta contra a existência de Deus, mas de onde vem o conceito de Injusto? Qual o padrão para conceituar a injustiça e o mal? Lewis vai dizer que se eliminar a ideia de Deus ficaríamos sem qualquer padrão.

McGrath afirma que, para Lewis, o mundo deu errado, mas não só o mundo, também, a própria humanidade. Ele vai dizer seguramente que a doença da humanidade é o pecado, não sendo este equivalente à maldade ou ao mal, por possuir um conceito diferente e bem mais

complexo. Restaurar a humanidade do pecado é agir em uma das fontes do mal que assola o mundo e a própria humanidade.

No livro *Cristianismo puro e simples* (LEWIS, 2009) o autor assevera que o real problema é que vivemos em um universo complexo e com coisas que evidentemente são más e parecem não ter sentido, e para esse problema duas respostas possíveis são dadas: o Cristianismo diz que estamos em um mundo bom, mas que se perdeu e que ainda guarda memória do que deveria ser; e o Dualismo que considera o universo sob guerra de duas forças iguais e independentes, sendo uma boa e a outra má.

A armadilha do dualismo faz crer que a escolha e definição do que é bom ou mau se dá por preferência, porém “se ser bom” significa apenas aderir a um lado que por algum motivo nos agrada, o bem não mereceria ser chamado assim. Quando dizemos que um poder é benigno ou maligno, estamos dizendo, na verdade, que um está errado e, por conseguinte, o outro está certo.

Para Lewis se há de fato dois poderes em que um é certo e o outro errado, então, é necessário um terceiro fator que seja independente e esteja acima daqueles. Essa regra chamaríamos de o Bem, que submete um desses poderes e o outro não. Assim, se o dualismo fosse verdadeiro e real, então, alguém deveria querer o mal pelo mal, mas não há ninguém que sadiamente o faça.

A crueldade é caracterizada como uma perversão ou um desejo de benefício externo. As coisas que se deseja podem e são boas, a maldade é a forma errada que se pratica para adquiri-las. A crueldade, assim, é uma forma errada de se buscar o bem.

Lewis defende que nenhum ser humano quer ser cruel porque a crueldade é o mal, mas porque lhe parece agradável, no caso de perversão ou patologia, ou por ser útil. Porém todos querem a bondade por ser boa. O bem o é por si só, o mal é tão somente o bem pervertido.

O mal para ser mal necessita de qualidades como existência, inteligência e vontade, porém como pode ser observado essas qualidades são boas, logo o mal para ser mal dependerá da obtenção de tais qualidades do bem, e o faz para pervertê-las. O mal não é assim um ser, um ente original, antes ele é apenas um parasita do bem. Portanto, o dualismo não funciona.

Lewis ainda irá afirmar que uma das formas de acesso do mal à humanidade se dá por meio de um atributo ou faculdade chamada Livre-arbítrio. Significa que as criaturas podem escolher fazer o bem ou sua perversão, o mal. Desfrutar de liberdade é ser livre para o bem, mas também é ser livre para o mal, dessa forma, nesse aspecto e caso específico, o que torna possível a existência do mal é o livre-arbítrio. Não é possível desfrutar de felicidade e suas

consequências sem ao mesmo tempo não ser livre, e ser livre significa possibilitar a existência do mal.

No livro *Hermenêutica Filosófica Literária em diálogo com a Teologia: O Problema do Mal na Trilogia Cósmica de C. S. Lewis*, Clacir Virmes Junior (2015), elucida que o problema do mal como elaboração teórica, discussões e posições na filosofia abrange um espaço de tempo em torno de 2.500 anos. Esse tema é didaticamente estudado sob três óticas: a Metafísica - visando tratar de finitude humana e sobre a morte; a Física - quando se debruça sobre o sofrimento; e a Moral – elaborando sobre o binômio: liberdade e responsabilidade humana.

Junior segue apresentando abordagens de vários autores e autoras sobre a temática.

Para **Susan Neiman**, em *O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia* (2003, p. 20), o problema do mal em sua elaboração pertence eminentemente à esfera epistemológica, na fronteira entre a ética e a metafísica.

**Juan Antonio Estrada**, em *A impossível teodiceia: a crise da fé em Deus e o problema do mal* (2004, p. 9-14), aponta que a teodiceia, visando respostas ao problema do mal, fornece conceitos e sugestões da teologia que articularão as respostas da filosofia ao tema.

**Martha L. Hulsebus**, no seu trabalho *The concept of evil in a Christian universe in C. S. Lewis' works*, anota que o mal é o oposto do bem, sua ausência, sua perversão. O mal não é criação de Deus, mas surgiu porque uma criatura, com livre-arbítrio, escolhe tornar-se pervertida e perverter outras. O mal perverte o bem, mas não pode destruí-lo sem destruir a si mesmo, pois cada coisa pervertida foi uma vez boa e permanece inerentemente boa. Lewis demonstra assim a ignorância sobre o bem e o mal das criaturas más, e inversamente enfatiza o conhecimento sobre o bem e o mal das criaturas boas.

**Janice Witherspoon Neuleib**, na sua tese doutoral *The concept of evil in the fiction of C. S. Lewis*, afirma que Lewis sob o afeito do pensar de Agostinho, vai entender o mal como perversão do bem, aquele não existe de *per se*. Isso faz remissão ao conceito da queda para explicar a entrada do mal no mundo. A queda de Lúcifer e do ser humano acontecem pelo mesmo motivo, buscaram o “bem” errado. Para Lewis “o mal é a face do vazio do egoísmo”, significando que o ser humano ao envolver-se com o mal nem sempre tem plena consciência de sua virulência, pois sua vontade é tão destituída de bondade que seus desejos o encaminham para escravidão.

**Christine Seaward**, em sua tese de mestrado sob a epígrafe *The Theodicy of C. S. Lewis*, defende que Lewis buscou explicar o problema e propósito do mal e do sofrimento, enquanto simultaneamente manteve o Deus cristão como bom. Lewis enquadra-se na teoria Agostiniana, com traços da teoria de Irineu. O orgulho perverteu Lúcifer e fez este perverter Adão e Eva, assim o mal foi introduzido no mundo, ou seja, o mau uso do livre-arbítrio.

Com base em Irineu o mal traz maior significado para o bem e é mesmo necessário para que um bem maior seja produzido. O sofrimento é a maior expressão do mal nos seres humanos e nos animais não humanos. Pode ser usado por Deus para produzir bem na vida das pessoas.

**Matthew Kerlin**, em sua tese de doutorado *The possibility of theodicy: C. S. Lewis and the role of imaginative texts in the justification of human suffering*, irá dizer que a obra ficcional de Lewis – *Uma Força Medonha* trata da natureza institucional do mal. Lutar contra isso requer respostas individuais e comunitárias, e intervenção divina.

**Jerry Root**, em tese doutoral que resultou no livro *C. S. Lewis and the problem of evil* (2009), escreve que Lewis via o problema do mal em termos do antagonismo entre uma visão objetiva versus uma visão subjetiva do mundo.

Nesses vários comentários sobre o problema do mal encontrados nas obras de Lewis observa-se a marcante influência das teses desenvolvidas sobre o tema por Agostinho de Hipona, pois são apresentados argumentos como o mal sendo a ausência do bem, ou a distorção do bem, e o papel preponderante do livre-arbítrio. Há uma forte ênfase no sobrenatural por meio do sagrado, e a ficção-teodiceia é uma forma de resposta a um tipo de problema do mal.

Junior, por fim, identifica posturas sobre o problema do mal nas obras de Lewis, marcadamente no livro *O Problema da Dor*:

Tendo em vista a afetação devido à doença e morte da esposa de Lewis, Helen Joy Davidman Gresham, Michael Ward, em *The Cambridge companion to C. S. Lewis* (2010, p. 203-219), entende que a posição de Lewis sobre o problema do mal está mais bem exposta no livro *O Problema da Dor*, por sua relação com a Primeira Guerra Mundial, e com sua conversão ao cristianismo, entre 1918-1930.

*O Problema da Dor* é uma obra apologética sobre o problema do mal. Como ateu Lewis percebe a maldade no mundo como incompatível com a ideia de um Deus benevolente. Convertido ao cristianismo elabora, então, a questão: “Como de um mundo envolto no mal emerge a ideia de um Deus bom?” Lewis identifica alguns elementos que convergem para o surgimento da religião, como: o conceito de sagrado; a consciência moral; a união das duas

noções; sendo que o cristianismo apresenta um elemento a mais por ser a única religião em que o numinoso torna-se humano.

A perspectiva de Lewis sobre o problema do mal tem três características básicas: Não é puramente filosófica, apesar da abordagem ser racional; tem um enfoque teísta; e trata o assunto sob a ótica cristã. A onipotência do Criador consiste na sua capacidade de fazer tudo aquilo que é logicamente possível, e existe compatibilidade entre amor/bondade e a dor, de forma que o amor e o sofrimento podem coexistir.

O ser humano é, por natureza, atualmente mau, tendo se tornado assim pelo uso errado do livre-arbítrio, sendo essa uma resposta possível à condição de sua má natureza, de forma que o sofrimento pode ser um instrumento para correção desse desvio.

Lewis oferece um mito, uma história em que a criatura perverte, por livre escolha, o objeto do amor a Deus, e o torna para si mesmo. A criatura não voltará ao Criador a menos que ele a chame. É dentro dessa relação que entra o sofrimento.

O sofrimento, assim, objetiva: chamar a atenção para a rebeldia e distanciamento da criatura; ser instrumento de aperfeiçoamento dos bons a fim de atingir o ideal e evitar um mal maior; e ser instrumento para testar a disposição da criatura em querer voltar ao Criador. A criatura demonstrará que decidirá em fazer o que é certo, mesmo que isso lhe cause sofrimento.

Sobre o mito da queda, Lewis não segue a história bíblica, ele assevera que ele contém elementos que explicam a origem da maldade humana, quando um ser perverte os seres humano e a criação (ordem das coisas), tendo ele mesmo sofrido ao abusar de seu livre-arbítrio.

Pode-se resumir dizendo que Lewis aborda o problema do mal sob uma perspectiva filosófica teísta cristã, em que a presença do mal no mundo é logicamente possível à luz da onipotência divina; é levantada a tese do livre-arbítrio como possibilidade de entrada do mal no mundo dos humanos; e que não se resolve os problemas implicados pelo sofrimento e o mal.

No livro *Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a Sombra do Mal*, Colin Duriez (2019), inicia com uma ponte entre os fatos catastróficos da Primeira Guerra Mundial e uma batalha cósmica. Ele narra que, no dia 20 de julho de 1940, C. S. Lewis ao ouvir, pela BBC de Londres, o discurso inflamado e emotivo de Hitler, claramente podia perceber a operação do mal, por meio daquele que ele chamava de o mestre do mal, operação essa que iria, inclusive, levá-lo a viver os horrores da guerra.

As percepções sobre o bem e o mal em Lewis foram profundamente influenciadas por sua participação na Primeira Guerra Mundial. Nesse período como ateu lia a realidade do mal com uma visão materialista, apontando uma batalha entre a natureza e o espírito. Após sua

conversão, em 1931, passou a denotar outra percepção e considerar a relação entre o bem e o mal como uma batalha cósmica de substrato judaico-cristão.

Em um sermão, no templo de St. Mary the Virgin, Oxford, em 1939, Lewis declara que: “A guerra não cria nenhuma situação absolutamente nova; ela simplesmente agrava a situação humana permanente a ponto de não podermos ignorá-la” (*Atormentados*, p. 26), significando como a guerra apenas revela e simboliza essa condição humana que se pereniza assustadoramente em nós.

No dia a dia, por vezes, acabamos nos acostumando em certa medida com a presença do mal, mas na guerra ela é real, ameaçadora e aflitiva, e dessa presença não se pode fugir, e essa percepção é muito presente nos escritos de Lewis.

Duriez diz que no livro *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, Lewis afirma:

[...] existem dois erros iguais e opostos que nossa raça comete a respeito dos diabos. Um é não acreditar na existência deles. O outro é acreditar e sentir um interesse excessivo e doentio por eles. Eles próprios se contentam igualmente com ambos os erros, saudando um materialista ou um feiticeiro com o mesmo prazer. (LEWIS, Apud DURIEZ, 2019, p. 48-49)

Lewis irá defender que a ação do mal pelo agente maligno não se dá pelo fomento de atos grandiosos, mas de pequenas quebras de valores e incitação a comportamentos tidos como inexpressivos. A constante prática evasiva e fortuita promove a longo prazo a sensação de que certos atos incorretos, por serem “menos” considerados, não são importantes e evitados do mal, o que na verdade é o inverso, pequenas mentiras e ações tidas como secundárias levam ao mal, pois se tornam comuns, banais e inevitáveis.

No livro *Além do Planeta Silencioso*, Duriez entende que Lewis caracteriza como uma das operações do mal, marcado pelo chamado mito da queda, o desenvolvimento da malignidade no próprio ser humano, que é carregado para outro lugar do universo, denotando uma inovação no pensar quanto a fonte do mal que não vem do espaço, mas é levada da Terra, significando que o ser humano também gera e executa ações do mal.

No segundo livro da trilogia cósmica, *Perelandra*, Lewis irá aproximar sua ideia do problema do mal de autores medievais. Ele simbolizará a ação do mal como a intervenção de um ente diabólico, que possui um ser humano. Nessa perspectiva defenderá que o mal não existe por si, sendo a negação do bem. O mal seria assim uma distorção, sem, no entanto, constituir-se em uma substância, ele obtém poder corrompendo o bem. Lewis irá afirmar que é totalmente possível um ser bom e perfeito, vivendo em um universo perfeito, ser persuadido a escolher e querer o mal, e assim passar a operá-lo. O bem real pode ser trocado pelo mal real.

Lewis desenvolverá o pensamento de que um dos alvos da ação do mal no ser humano ou pelo ser humano é atingir o acesso ao seu ego. O egoísmo é uma das fontes de operação do mal, quando isola o ser humano dentro de si e o faz viver apenas para si mesmo. A reação a essa ação do mal é sair do eu para ganhar o eu. Sair das armadilhas do egoísmo e do mal, para desfrutar o bem da individualidade sadia.

Refletindo sobre a antiga tradição bíblica, Lewis assevera que Lúcifer após rebelar-se contra o Criador é banido do céu. Ao perceber uma nova criação à imagem do Criador decide tentá-la e a leva a queda. Assim, o mal adentra no mundo dos seres humanos e estabelece, também, uma guerra cósmica do mal contra o bem, que se irradia sobre toda a história humana e torna os seres da terra alvo de maldição.

A ação dinâmica de Lúcifer, operando o mal é percebida pela sedução dos seres humanos a adoração a entes que, ao desumanizá-los, promove vários males como: sacrifícios de crianças, estupros de mulheres em cultos promíscuos, perversão sexual, ... o mal seduz ao mesmo tempo que agride à humanidade, levando-a a autogratificação e rebeldia contra o Criador.

Lewis no seu ensaio *O Veneno do Subjetivismo* (periódico *Religion and Life*, vol. 12, 1943), denuncia:

[...] a menos que haja algum padrão objetivo do bem, abrangendo alemães, japoneses e nós mesmos, quer qualquer um de nós obedeça a ele ou não, então, é claro, os alemães são tão competentes para criar sua ideologia quanto nós para criar a nossa. (LEWIS, 1943, p.233)

Duriez conclui que a título de denotar o perigo do subjetivismo que aplicado a valores e qualidades como bondade, justiça e amor, pode levar a distorções catastróficas como as ocorridas na Primeira e Segunda Guerra Mundial, o mal facilmente usurpará a capacidade humana e a instrumentalizará para seus fins.

### 2.3. O PROBLEMA DO MAL E A FILOSOFIA

Nesse terceiro momento, iremos apresentar posicionamentos de outros filósofos sobre o Problema do Mal. Artigos, teses, ensaios que denotam não só a preocupação do pensar absorto pela complexidade do tema, mas a ânsia de entender os meandros da problemática sob esforço ainda inexausto. Entre os expoentes agora trazidos, destaco em especial as posições de

Agostinho de Hipona, considerando que C. S. Lewis dele se desdenta. Vamos ouvir o que tem a dizer a filosofia sobre o problema do mal.

### **2.3.1. Charles Taliaferro - Os problemas do mal – Revista UFPEL (2022)**

Após análise sobre os problemas do mal, Taliaferro considera que esse tema seja uma difícil objeção ao Teísmo, tanto para a filosofia ocidental, quanto para a oriental. Conciliar a existência de um criador bom com a realidade do mal no mundo é tarefa árdua. Ele apresenta duas versões gerais, a Dedutiva ou Lógica, que denuncia a incompatibilidade da existência do mal e de Deus, e a Probabilística, que assere ser improváveis tais existências.

Há uma tendência hodierna a ser compreendida a possibilidade de a versão lógica ser mitigada, considerando que um ser plenamente bom pode ser compelido a permitir, e até, infligir uma certa medida de mal por razões morais (caso de vacinar uma criança). A versão probabilística tem demonstrado mais resistência no seio da filosofia.

Segundo Taliaferro, Brian Davies, em *The Reality of God and the Problem of Evil* (2006), ensaia uma resposta ao asseverar que o conceito de bondade em Deus não pode ser equiparado, e ter a mesma sinonímia, que a de qualquer outro agente moralmente bom. Outra estratégia é aquela tentativa de negar a existência do mal, ou seja, tentar conciliar o inconciliável: o ceticismo moral com o monoteísmo tradicional.

A ideia de o mal como privação ou perversão do bem é válida, enquanto reflexão sobre o problema do mal, porém não põe luz quanto à conciliação com a bondade de Deus. Os ismos provenientes do monoteísmo Abraâmico resistem em creditar a realidade do mal, sem, contudo, oferecer argumentos que promovam a conciliação com a bondade divina.

O problema da conciliação acima cogitada se agiganta quando consideramos jungir o teísmo com áreas da filosofia como a da Ética. Se do ponto de vista ético for evocada a posição da injustificação possível de razões para o sofrimento evitável, razões que prescindam de causa ou consequência, o problema do mal tornará conflituosa a posição ética com o teísmo tradicional.

Uma posição conciliatória entre a avaliação da existência do mal no universo e de um Criador onipotente e bom, certamente dependeria de posição metafísica que viesse a ser adotada, principalmente, no tocante à crença ou não do livre-arbítrio, considerando que este possibilita explicar a responsabilidade quanto ao papel humano na escolha entre o bem e o mal.

O teísmo, visando oferecer respostas viáveis ao problema do mal, apresenta como argumentos: Defesa e Teodiceia. A defesa elabora arrazoados racionais que em meio a realidade do mal, demonstram um Deus plenamente bom e que odeia o mal. As teodiceias focam não em todo ou qualquer mal, mas em elaborar razões que possam explicar que o mal real faz parte de um projeto de um bem em uma esfera maior. As duas estratégias confluem para apologia de um bem maior.

A tese da defesa do Bem Maior milita demonstrando que a existência do mal concorre ou para acompanhar a produção de algum bem, ou em parte intrínseca do próprio bem. Assim, o bem maior propõe que o mal promove oportunidades para execução de valores como as virtudes. Segundo Taliaferro, John Hich, em *Evil and the God of Love* (1966 [1977]), formulou uma tese na esteira de São Irineu (Séc. II a. C.), que tratando do problema do mal defendia que este impulsionaria a humanidade a desenvolver o bem gradualmente, até uma vida plena de graça, maturidade e amor.

No bojo das disputas que concorrem para produzir, de qualquer forma, uma justificação para o problema do mal, e as razões de Deus em o permitir, leva-nos a admitir que não temos capacidade de perceber com clareza necessária essas razões, logo tal incapacidade por si não se constitui evidência forte que milite contra o teísmo.

### **2.3.2. MIRANDA (2013) - O problema do Mal: uma antologia de textos filosóficos.**

O problema do mal é um problema filosófico autêntico, assim qualquer afirmação de que todas as possíveis perguntas e respostas já foram postuladas e encontradas é um equívoco, pois por sua natureza ele é um problema ainda em discussão, como o foi no passado para autores clássicos já conhecidos. As abordagens e respostas desses autores são também conhecidas, porém o problema continua em aberto, sendo sempre relevante novas abordagens.

Como enfoque inicial deve-se entender que quando se labora sobre o problema de mal, está se tratando deste em relação ao teísmo restrito, que é colocado em exame e confronto pelo ateísmo. O teísmo restrito encontra enormes dificuldades de conciliar a realidade do mal e a existência de um Criador bom e onipotente. Não se trata de restrição da abordagem, mas da precisão do seu foco.

O teísmo restrito diz que o Criador é onipotente, onisciente e totalmente bom. O que seria onipotência de Deus? Diferentemente do que se pode imaginar, filosoficamente, segundo São Tomaz de Aquino, onipotência significa que ele pode fazer tudo que for possível ser feito

logicamente, não fisicamente. Ele pode interagir e criar tudo que não ferir o princípio da contradição, não é que ele não tenha poder de criar coisas logicamente impossíveis, mas é que coisas logicamente impossíveis não podem ser criadas.

Quando se trata de onisciência, do ponto de vista filosófico, procura-se significar que há um ser que conhece todas as proposições verdadeiras, tanto as do passado, quanto as do presente e futuro. Não se está cogitando sobre a presciência divina. A onisciência divina denota que o Criador não deve excluir a liberdade humana.

Dizer que Deus é totalmente bom é afirmar sua perfeição moral, a saber, ele não pode, não que não deve, praticar atos maus. A bondade é uma propriedade essencial, não acidental, que o qualifica para perfeição moral. Ser bondoso não significa que o Criador não possa operar o mal, visando um bem maior, pois sua natureza intrinsecamente bondosa não o incompatibiliza com a capacidade de operar o mal.

Isso posto, passamos a refletir sobre quais tipos de males os filósofos identificam, e podem trazer confronto com a crença teísta, que representam dificuldades de conciliação com os atributos divinos antes explicitados. Diz-se mal moral, aquele praticado por agente livre, e mal natural, seu contrário. Mal justificável, quando há razões que expliquem a função entre a ocorrência do mal para existência de um bem; mal gratuito, quando não há regras justificáveis. Mal comum, aquele que sua regularidade não faz a vida não ter sentido e valor; e mal hediondo, aquele que, embora com pouca regularidade, sua intensidade é tal que leva o paciente a refletir o valor da vida como um bem.

Outras categorias de abordagens sobre o problema do mal são estendidas quando o classificamos como existencial ou teórico. Existencial é aquela abordagem que não tangencia a verdade sobre o teísmo, mas quando a ocorrência de males, na existência humana, pode levar um adepto a protestar e se revoltar contra o teísmo, chegando até a condená-lo moralmente. A abordagem teórica se diversifica entre lógica e indiciária, envolvendo argumentos dedutivos e inferências que afrontam ou defendem o teísmo.

### **2.3.3. Richard Swinburne - O Problema do Mal**

Ante ao frequente uso por ateus de argumentos sobre a realidade do mal para confrontar e refutar o teísmo, segue-se que o que ameaça o teísmo não são os argumentos indiscriminados sobre a existência do mal, mas a ocorrência de tipos e graus de males específicos.

Swinburne elabora uma tipologia em que constam tipos e graus de males no mundo, e com isso tenta entender o que há de errado que gera males aos seres humanos. Ele chamará de mal físico as sensações dolorosas que se estendem aos animais não humanos; mal psicológico são as emoções dolorosas, como fracasso, perda e frustração; estados maus são aqueles que dizem respeito a sofrimento como ódio e inveja; e mal moral as ações más praticadas pelos seres humanos de todo tipo, inclusive, a inação que promove o mal.

Ele acrescenta a essa tipologia qualquer outro ser racional que exista no universo atinente à humanidade que não seja humano ou Deus (se existir), como anjos, demônios, alienígenas, ... que possam sofrer ou vir a praticar males por meio do sentir, estados ou ações. Os males inclusos nos três primeiros tipos são chamados de “passivos”, pois diferenciam-se do quarto tipo produzido por meio de comissão.

O articulista observa que parte dos males do mundo são ações más dos seres humanos, ou males passivos provocados por eles, ou ainda pelo comportamento apático quanto a estados que podem gerar conflitos na sociedade como a inveja e o ódio.

Os antiteodicistas, aqueles que não compatibilizam o problema do mal com a existência de Deus, sugerem que o Criador, se capaz, deveria ter feito criaturas que necessariamente não fizessem o mal. Alvin Plantinga contrapõe tal argumento, asseverando que não era logicamente possível o Criador ter feito criaturas livres, sem que essas não pudessem escolher fazer o mal. Não é moralmente mau criar criaturas livres, logo tal princípio levantado pelos antiteodicistas não é plausível.

A defesa do livre-arbítrio caminha para adotar o discernimento moral, a saber, a capacidade que faculta aos agentes livres suficiência para escolher entre praticar ações boas ou más, e poder diferenciá-las. Agentes livres vem a ser o mais próximo de seres com capacidade de escolha, cuja causa dessa não é precedente e totalmente determinada. Assim, concorda com os teodicistas que há compatibilidade entre a existência de Deus e do mal moral, desde que os seres humanos sejam agentes livres.

Os antiteodicistas levantam um segundo princípio, admitindo que os seres sendo livres, possam causar o mal, então, o Criador deveria ter limitadas as consequências para que tais só atingissem os próprios agentes. Os teodicistas refutam, alegando que tal princípio não tem plausibilidade, pois tiraria dos agentes a responsabilidade para com seus semelhantes.

Swinburne vai trazer à questão detalhes sobre o dever pessoal de intervenção em males sofridos por outrem. O princípio seria que o dever de intervenção é proporcional à gravidade das consequências e o grau de conhecimento do interventor sobre o caso. Diante desse

princípio, o teodicista defende que, como o Criador conhece profundamente além dos seres humanos os males e suas consequências, seu dever é sempre menor, inclusive, somente ele sabe as reais razões de intervir ou não.

Um Criador bondoso que cria seres humanos livres, com discernimento moral e responsabilidade, poderia colocá-los em um mundo bom, mas inacabado. Caberia a esses seres humanos o dever de aperfeiçoar esse mundo e nesse processo, em meio também a males, dar-se-á também seu aperfeiçoamento.

O articulista revela suspeitar que o grande problema levantado pelos antiteodicistas é a quantidade e intensidade de males, que assustam os seres humanos e confere argumento forte contra o teísmo, como as guerras, torturas, ataques terroristas, massacres em massa, escravidão, pois soa como se o Criador permitisse tais atrocidades. O teodicista irá refutar, lembrando que são esses momentos de intensa prática do mal que vemos os seres humanos escolhendo ajudar ao semelhante, mostrando generosidade, arriscando a vida em favor de outrem, ou seja, no mundo de muitos males há grande oportunidade de grande bem, interromper o fluxo do mal é tentar eliminar da mesma forma o bem.

Reverendo os arrazoados alinhavados até então, é forçoso admitir que não há como afirmar com certeza a incompatibilidade entre a realidade do mal no mundo e a possível existência de Deus.

Certamente o Deus do teodicismo poderia, por ser onipotente, limitar a quantidade de mal, e talvez, por um fim ao mal, em algum momento. Porém, querer que as criaturas criadas desenvolvam: caridade, fé, perdão e auto sacrifício, sem que para isso lutem contra o mal uma luta real, contra um inimigo real, não é esperar o desenvolvimento dessas criaturas, mas brincar com o sentido da racionalidade.

#### **2.3.4 – VAN INWAGEN (2018) – O problema do mal**

Peter van Inwagen sustenta que os argumentos filosóficos por mais consistentes que sejam não propiciam um suporte necessário para as conclusões de suas premissas, a exemplo do que proporciona os argumentos científicos. Ele, assim, faz referência à dificuldade de respaldar arrazoados que militam no problema do mal.

O autor trabalhando na problemática em lume, preocupa-se em definir qual o significado da palavra “mal”, usada nos argumentos filosóficos. Nesse caso, mal significa “coisas más”, embora considere a expressão “o problema do mal” sem sentido definido.

Van Inwagen formula uma tipologia sobre o problema do mal. Existem os problemas Práticos, aqueles que vivenciados pelos teístas afetam suas crenças, atitudes e ações nas suas relações com Deus; e os Teóricos. Ainda sobre os problemas práticos eles se subdividem em: Pessoais, aqueles que atingem o próprio sujeito ou alguém de suas relações; e Pastorais, aqueles comuns ao exercício do ofício sacerdotal.

Os problemas Teóricos se dividem em Apologéticos e Doutriniais. Esses referem-se àqueles enfrentados pelo ensino frente à realidade do mal e os limites da teologia, como é o caso das teodiceias. Os Apologéticos visam a defesa do teísmo, e estão mais relacionados com o argumento do mal.

Os apologéticos lidam com o que chamam de Defesa, que se distingue da teodiceia apenas quanto ao seu propósito. As teodiceias visam a busca da verdade em uma questão. A defesa, por seu turno, almeja estabelecer uma dúvida consistente o bastante contra o argumento de mal. A defesa é uma ferramenta necessária para responder os argumentos global e local do mal.

Ao final da primeira conferência, van Inwagen, após tratar criteriosamente sobre temas como “o problema radical do mal” e “a abrangência do problema do mal”, conclui que, na verdade, para ele, o problema do mal é um problema essencialmente sobre Deus e o mal.

No tocante ao argumento do mal, van Inwagen, estruturando didaticamente o tema o problema do mal, apresenta dois argumentos: o Global do mal, transcendente, conceitual, na mesma medida que efetivamente real; e o Local do mal, imanente, ocorrendo em eventos particulares, e tão real quanto o outro.

Essa elaboração pedagógica é feita no afã de demonstrar que a problemática da resposta a tais argumentos é específica e, no caso do argumento local do mal o tipo de resposta, ainda, imprescinde de maior especificidade.

O problema do mal, com dito anteriormente, é um problema entre Deus e o mal, logo é um problema para o teísta. Um dos instrumentos para fazer frente aos argumentos do mal é a defesa do livre-arbítrio. Van Inwagen para melhor oferecer uma possível resposta, apresentar a “defesa do livre-arbítrio estendida”, que é usada para meios comuns, mais abrange também o chamado “mal natural”, que são casos especiais do mal.

Para tentar responder a tipos de argumentos locais do mal, como horrores semelhantes aos do Holocausto, em que as premissas conduzem a desconsiderar a possibilidade de um Bem Maior, e a considerar que a intervenção de um ser onipotente e bom, deveria ser para limitar tais horrores ou excluí-los do mundo, pois só assim esse mundo se tornaria melhor.

Van Inwagen, apresentando os argumentos do teísta, irá contra-argumentar, afirmando que qualquer tentativa de estabelecer limites a horrores, em qualquer quantidade, por um ser onipotente e bom é arbitrária. Não é possível defender que a simples exclusão de tipos particulares de horrores irá por si tornar o mundo melhor, e fazer com que as pessoas creiam nisso.

É possível que Deus, como ser moralmente perfeito, trace limites a eventos de horrores, e deve fazê-lo, mas quando o fizer o fará de forma arbitrária, e isso não viola seu caráter moral, pois “parece claro que pode haver casos em que é moralmente admissível para um agente permitir um mal que poderia ter impedido, a despeito de fato de que nenhum bem é alcançado com isso” (p. 238).

Importante frisar, ainda, que tanto para o argumento Global do mal e Local do mal, a ferramenta da Defesa parece ser mais precisa que a da Teodiceia.

### **2.3.5. COSTA (2002) - O problema do mal na polêmica antimaniqueísta de Santo Agostinho**

Marcos Roberto Costa irá trazer um projeto histórico-filosófico-evolutivo, demonstrando as fases pelas quais Aurélio Agostinho (354-430 d. C.), no transcurso de meio século elaborou e maturou sua compreensão sobre o tema que tanto o inquietou: o problema do mal. Como a base dessa presente pesquisa muito se aproxima do que é tratado no terceiro e quarto capítulo deste livro, nesses nos delongaremos com maior acuidade, e esboçaremos pequenas observações sobre os dois primeiros capítulos. A pergunta a ser respondida era: “*Unde malum?*” (De onde vem o mal?) e “*Quid sit malum?*” (Que é o mal?), as respostas irão mudar à medida que Agostinho muda sua concepção de filosófica para filosófico-teológica.

No primeiro capítulo, Uma Explicação Ontológico-Cosmológico-Materialista do Problema do Mal no Maniqueísmo, Agostinho, provocado pela leitura do Hortensius, do estoico Cícero, que lhe despertou para a busca do saber, e decepcionado com a leitura da bíblia, encontra no Maniqueísmo uma possível resposta para questão: como conciliar a maldade na sociedade humana com a bondade divina. Deus, o bem supremo, pode ser causa do mal? Ou há outro ser tão poderoso quanto Deus que causa o mal?

O maniqueísmo intenta iniciar uma resposta ao problema do mal, por meio do Dualismo ontológico-cósmico, defendendo que dois princípios: o Bem e o Mal, independentes, incriados, coeternos, de igual potência, confrontam-se, restando ao bem, de valor superior e representado pela luz que em algum momento impere sobre as trevas, que representa o mal. Esse dualismo entre a luz e as trevas irá ser identificado, respectivamente, com Deus e com a

matéria. Assim, a alma por se identificar com Deus é boa. A matéria é ontologicamente má e contamina a alma, levando-a a praticar o mal.

Os agostinólogos registram que o tema da moral maniqueísta foi o ponto fundamental que manteve Agostinho por nove anos na seita. A doutrina ensinada de que a alma era ontologicamente boa e a matéria má a contaminava, levava-o a crer que o mal não é algo moral, mas tão somente físico, natural, cósmico. Logo, ele não era responsável pelo mal que praticava, pois, a matéria era irresistível à alma, que dela necessitava. O mal era inevitável, involuntário, o ser humano estava determinado a praticar o mal.

O mal na doutrina maniqueísta não tem relação com Deus, que é bom. O mal está ligado a um princípio ontológico independente, o reino das trevas, tão potente quanto Deus. O ser humano para livra-se do mal teria que passar por um processo de libertação com suas próprias forças por meio da autoconsciência e por rigorosa vida ascética.

Em Cartago, após ter acesso a grande acervo científico e literário, Agostinho começa a despertar desconfiança quanto à doutrina maniqueísta, inclusive sobre o problema do mal, e mudando-se para Milão inicia um processo de afastamento da seita.

No segundo, Uma Explicação Ontológico-Estético-Filosófico-Natural do Problema do Mal no Neoplatonismo, Agostinho chega à Milão e inicia um processo de aproximação com o Bispo de Milão, Aurélio Ambrósio, e a partir desses encontros religiosos, ouvindo os sermões do bispo, passa a ter uma nova percepção sobre Deus como Criador único, sua imutabilidade e incorruptibilidade, a espiritualidade da alma e a autoridade da bíblia. Porém, quanto à temática do problema do mal, ele será profundamente impactado pelas teses do Neoplatonismo.

Na ontologia neoplatônica de Plotino, de Lycópolis Deltaica, surge a figura do Uno, o princípio do qual tudo emana. Em sua cosmologia do Uno derivará duas emanações: a inteligência, ou Noûs, e a alma universal. Essas três hipóstases, enquanto transcendentais do bem, não comungam com o mal. Exceção de parte da alma universal, que precisa juntar-se à matéria para formar os corpos, e ao fazer tal ligação torna-se sujeita à corrupção que provém da matéria. A alma não é má, ela ao misturar-se com a matéria passa a sofrer potencialmente a presença do mal.

No sistema plotiniano a matéria não é independente, ela é a última emanação do Uno, e, por estar no extremo último e distante do Uno, ela é fonte ou possibilidade do mal. A matéria é entendida em seu estado natural como privação, o não-ser, o nada. Sendo assim um conceito não experienciado por Agostinho no maniqueísmo.

Plotino irá explicar o mal como uma necessidade da ordem do universo, pois ele é o limite, a negação do bem maior, sendo assim apenas um problema de estética natural da ordem. Nesse diapasão, na moral de Plotino não cabe a liberdade ou responsabilidade dos seres humanos no tocante ao mal, porquanto este é determinado a existir necessariamente para manter a ordem do universo.

No terceiro capítulo, O Problema do Mal no Universo Físico: Uma Explicação Ontológico-Estético-Filosófico-Teológica do Mal, Agostinho, em setembro de 396, deixa o cargo de professor e retira-se para o campo, vai viver em Cassiciaco, Itália, 20 km de Milão, e com familiares e amigos forma um grupo de estudos. Desses estudos nascem as primeiras obras do chamado *Diálogos de Cassiciaco*, que serão o início de uma nova postura filosófica em relação ao problema do mal.

Para melhor compreensão dessa nova concepção, cabe lembrar que a percepção maniqueísta se fundava em um dualismo ontológico-materialista, em que o mal advinha da matéria, incriada, independente e que se opunha ao bem em sua potência. A concepção neoplatônica baseava-se em um monismo racional-naturalista, em que a matéria não era má, pois era oriunda do Uno, porém sofreu um acidente, tornando-se deficiente e potencialmente susceptível ao mal. O mal, portanto, opera em objeto comum na substância material.

Agostinho, diante das afirmações do bispo Ambrósio de que tudo foi criado por Deus, logo tudo é bom, não se satisfaz com as duas primeiras respostas e continuou a inquirir: “De onde vem o mal? Como não o atribuir ao Criador?”

Agostinho trata de refutar o argumento maniqueu da matéria como substância naturalmente má, e para isso começa com o argumento da criação *ex nihilo*, esse argumento é fundamental na sua nova cosmologia.

Diferentemente da tese maniqueísta, a terra, com base na matéria informe, foi criada do nada. Ela não é um princípio incriado e independente, e diferente de Plotino, a matéria também não é uma emanção. Deus criou a matéria informe e todo o universo com base em sua vontade livre, por meio de sua palavra, logo o mundo não é eterno, ele é temporal; não há panteísmo; não há dualismo, a matéria não tem a essência de Deus; e a matéria não é necessária, o Criador poderia ter criado tudo de forma diferente.

O segundo alicerce da cosmologia agostiniana refere-se à ordem do universo. Ele irá defender que tudo que há no universo está ordenado pelo Criador, até os efeitos dos males, pois tudo que ocorre tem uma causa, ou seja, nada acontece ou passa a existir sem uma causa, o que

não existe é o mal em si mesmo, este não tem existência ontológica. Tudo está sob o governo do Criador.

O terceiro princípio trata da natureza como um bem, consiste que toda natureza, enquanto natureza, é um bem. Somente existe o bem, assim onde o bem não existe, necessariamente, não há ser, logo o mal não existe enquanto ser. Agostinho irá concordar com Plotino que existe graus de participação, mas somente o Criador é sumamente perfeito. As criaturas possuem graus de perfeição diferentes, razão pela qual sofrem corrupção, ou ação do mal. Somente o Criador é incorruptível. Sofrer ação do mal não significa que a matéria não é boa, significa apenas que mesmo sendo boa pode sofrer corrupção.

O quarto princípio advém do terceiro e diz que, embora ocorra sobre o universo os efeitos do mal, ainda assim isso não perturba a ordem, pois esta os abarcará e manterá a harmonia do seu conjunto.

Em sua cosmologia Agostinho chegará à necessidade de responder “*Quid est malum*” (O que é o mal). A natureza, a matéria, são um bem, logo nelas não reside o mal. O mal não pode ser uma substância, pois só há substância onde existe o bem. Então, concluiu que o mal é o contrário à natureza ou substância, ele é o que a corrompe ou causa danos, mas não é uma coisa, o mal é a privação do bem, é aquilo que conduz o ser ao não-ser. O que faz com que o ser seja mau não o que ele é, mas o que não-é. Nesse momento, para Agostinho não existe mal físico, pois a natureza é um bem, não há mal nas coisas, mas em como elas são utilizadas.

No quarto capítulo, Uma Explicação Ontológico-Ético-Moral-Filosófico-Religiosa do Problema do Mal, após esboçar trabalhos, visando responder “*Unde male faciamus?*” (De onde vem praticarmos o mal?), estruturando sua cosmologia, Agostinho retoma para a questão inicial “*Unde malum*”, ele irá defender que o mal tem sua origem na liberdade de escolha promovida pelo livre-arbítrio, e vai chamar a má escolha de Pecado. O pecado gera desordem. Essa possibilidade de escolha se deve ao fato do ser humano na criação ser o único dotado de razão, que o credencia a, conhecendo a ordem divina, poder obedecê-la ou transgredi-la.

Agostinho irá defender que, com base em três realidades: o existir, o viver e a inteligência, o ser humano é dotado de superioridade em relação aos demais seres da criação, pois, embora alguns seres existam, como a pedra; vivam, como os animais não humanos; somente o ser humano desfruta das três realidades. Assim, os demais seres estão determinados a seguir a ordem divina, o ser humano, devido a inteligência, não está sob tal determinação.

Trabalhando os conceitos de fluência e utilização, Agostinho caracterizará o amor como aquilo que move a moralidade. É por meio do amor que o ser humano identificará o que

deve ser fluído e usado. O ser humano precisa com fulcro nessa identificação fluir o amor com as pessoas e usar os objetos, no valor e intensidade certa. É por ter livre vontade que o ser humano pode dirigir o valor e a intensidade do seu amor na direção errada, causando o mal e o pecado, portanto, só existe o mal moral, e sua origem está no uso desordenado do livre-arbítrio.

Dessa forma, o mal é ocasionado pela vontade, não ontologicamente, mas deontologicamente.

A pergunta de Evódio, discípulo de Agostinho, certamente é pertinente: “*Se o problema do mal se dá pelo livre-arbítrio, por que o Criador o facultou tal, não seria o Criador assim também responsável pelo mal?*” Agostinho vai dizer que o livre-arbítrio é um bem, como toda criação material ou imaterial. O problema está na alma do ser humano que escolhe a desordem. O problema não está no livre-arbítrio, ele é um bem necessário. Ele é necessário, porque foi dado para que o ser humano mantenha uma vida reta e satisfaça a reta justiça. Ele é necessário, pois mesmo que o ser humano erre é por meio dele que ele consegue arrependimento e correção.

O livre-arbítrio, porém, não é um bem absoluto, é um bem relativo ou médio, porque possibilita à criatura o acesso à desordem e ao mal, à ordem e ao bem. Nessa perspectiva, o mal não é necessário como no maniqueísmo e neoplatonismo, pois a ordem não depende dele para ser mantida e prover a harmonia.

Uma questão capciosa levanta-se quando se questiona se o ser humano de fato é livre, ante a afirmação da presciência divina. Muitas tentativas de mitigá-la ou respondê-la foram elaboradas: o maniqueísmo negava a presciência divina; os astrólogos e matemáticos pregavam a liberdade humana e a ocorrência do acaso; os estoicos negavam o livre-arbítrio e criam no destino; Cícero negava a presciência e elegia a liberdade humana. Agostinho frente a tantos argumentos originalmente expõe sua crença.

Agostinho responde à difícil questão acima aventada, afirmando a impossibilidade do acaso, pois tudo que sucede, sucede devido a uma causa eficiente. Existem causas fortuitas, naturais e voluntárias, mas todas estão tuteladas pelo governo e ordem divina no universo, inclusive a vontade humana.

A liberdade humana existe porque é necessária, não é necessário o mal, logo o ser humano possui faculdade de escolha entre o bem e o mal, o Criador por sua soberania e presciência conhece tais escolhas, e as permite para realizar a justiça, pois não haveria prêmio ou castigo se não houvesse liberdade. O livre-arbítrio e a presciência se coadunam em Agostinho, o ser não está determinado ao bem ou ao mal, ele os escolherá.

### 3. O PROBLEMA DO MAL NO PROBLEMA DA DOR DE LEWIS

Chegando ao quarto e último momento da pesquisa, iremos de forma específica apresentar os argumentos filosóficos imanente ao problema do mal, encontrados no livro *O Problema da Dor*, de C. S. Lewis, como delimitação teórica desse trabalho.

A dor e o sofrimento são realidades humanas que, inequivocamente, nos impõe posicionamentos, e Lewis não se furtou de se posicionar e iluminar com suas lentes o problema do mal, envolvido em tais realidades. Assim, inicia o livro, deixando claro que seu objetivo era resolver o problema intelectual, emergido pelo sofrimento.

Enquanto ateu, como muitos, Lewis respaldava tal convicção, ligando o problema do mal no mundo com a existência de um Criador, pois para ele não havia tal alegação de existência, ou havendo, tal Criador, era neutro quanto ao bem e ao mal, ou ainda existindo, era um espírito mau.

Convertido ao cristianismo, Lewis irá questionar “Se o universo é tão mau, ou mesmo quase tão mau, como os seres vieram a atribuí-lo à atividade de um Criador sábio e bom?” (Lewis, 2021, p. 19). Desde a pré-história os seres humanos passaram períodos em que a dor e a perda de vidas humanas eram percebidas semelhantemente. O problema da dor e do sofrimento não é legado e conquista da ciência, pois a religião muito antes se postava perplexa com seu assombro, porém tentar vincular a resposta ao problema da dor à simples experiência religiosa é temerário e impreciso.

Isso porque, segundo Lewis, a religião desenvolvida apresenta alguns elementos como: a experiência do Numinoso – Sagrado – aquele poder natural, cuja experiência gera um enorme sentimento de admiração e retraimento. Esse sentimento estranho que se aproxima do pavor, espalhou-se na sociedade humana, bem antes da ciência e do conhecimento comum. Há quem queira considerá-lo invenção ou imaginação, o que não se explica é como surgiu nesse sentimento o sentido de perigo. De duas afirmações uma deverá ser verdade: ou é apenas uma “torção” na mente do ser humano, ou é de fato algo sobrenatural que melhor seria chamá-lo de revelação.

O segundo elemento é a moralidade – a experiência com o que devo e não devo. As civilizações possuem códigos morais distintos, o que os assemelha é que todos são transgredidos. Essa lei moral experienciada pela consciência não é conhecida por inferência lógica, contudo não é ilógica, ou é uma ilusão que não se explica, ou, como o numinoso, é uma revelação.

O terceiro elemento da religião se constitui na identificação do sagrado com a lei moral, isso de forma tão determinada que o poder numinoso torna-se guardião da moralidade. Esse elemento não é pacífico entre os povos, assim, é comum religião amoral, ou moralidade não religiosa. Também, embora esses elementos constituam a religião, não são desejados pela sociedade, que foge do rigor da lei moral e das exigências do Sagrado.

Há ainda um quarto elemento que se distingue por ser exclusivo do cristianismo, que é a encarnação do filho de Deus. Esse fenômeno é enigmático, incompreensível e explicitamente posto em dúvida.

O problema da dor é um “problema” do cristianismo, enquanto este não é uma simples experiência religiosa, e quem se recusa a aceitar os elementos da religião, resta-lhe adorar o sexo, ou os mortos, ou uma força vital, ou o futuro, sendo que é possível que o preço seja alto.

- Onipotência Divina

Se Deus fosse bom, desejaria fazer suas criaturas perfeitamente felizes; e, se Deus fosse Todo-poderoso, ele seria capaz de fazer o que desejasse. Mas as criaturas não são felizes. Portanto, a Deus falta bondade ou poder, ou ambos. (LEWIS, 2021, p. 35).

Esse é o dilema do problema da dor, Lewis irá tentar ressignificar o termo “onipotência”, pois segundo ele sem a devida ressignificação esse dilema não tem resposta.

A primeira questão levantada é quanto à impossibilidade. Toda impossibilidade que é submetida à cláusula “a menos que” é considerada relativa. Sua inviabilidade é resolvida quando a condição impeditiva é satisfeita. Quando a impossibilidade é resultado de uma contradição, ela, então, é considerada absoluta, a saber, é impossível em qualquer condição e submete todo e qualquer agente, inclusive Deus.

Assim, para Lewis onipotência de ponto de vista divino é o poder de realizar tudo quanto quiser, desde que não se constitua contradição, ou seja, não realizar o que é intrinsecamente impossível. Isso porque o Criador estabeleceu a ordem para o governo do universo, e esta não aceita contrassensos. Todas as coisas são possíveis a Deus, as impossibilidades intrínsecas não são coisas, são nulidades, elas não são possíveis de realizar para Deus, bem como para qualquer criatura mais débil criada.

Lewis está estruturando o argumento de que para um mundo de seres com livre-arbítrio é intrinsecamente impossível esse mundo não ser regido por leis naturais independentes e inexoráveis. A compreensão desse argumento clarifica o dilema envolvendo sofrimento-onipotência-livre-arbítrio-leis inexoráveis e independentes.

O exemplo disso é a lei fixa que formou a matéria madeira, um objeto sólido. Ela pode ser usada para fins úteis, mas também para produzir sofrimento e morte, o que chamaríamos de mal. Mas, o mal não está na lei fixa e tampouco no objeto sólido, está no abuso do livre-arbítrio. Tentar ligar o Criador ao sofrimento produzido por quebra da ordem e do livre-arbítrio, e exigir a eliminação da liberdade, é também querer a eliminação da própria vida.

- Bondade Divina

Segundo Lewis, embora o conceito de bondade do Criador e criatura possuam divergências em vários graus, ambos não estão distantes quando visam ver o outrem feliz. O fim que a bondade do Criador almeja não se frustrará, pois ele deseja nos fazer felizes, porém nem sempre contentes. Nesse contexto, a bondade se aproximará do seu amor que é mais austero e magnânimo.

Conciliar bondade com sofrimento (mal) sempre requererá o cuidado com a não trivialidade desses conceitos. O Criador não sofre das carências da criatura, entre elas o egoísmo. Ele deseja o bem da criatura, e o bem da criatura só é encontrado no amor do Criador.

O Criador pretende dar às criaturas tudo que elas precisam, não o que elas querem ou pensar em querer, e por vezes é confundido frustração com sofrimento e mal.

- Maldade Humana

O Senhor Deus, Criador, no afã de aperfeiçoar a criatura, por ato de puro amor (bondade), causa-lhe dor e sofrimento, que é interpretado como mal, mesmo não o sendo. Mas, inquire Lewis: o que há de errado, inacabado, imperfeito na criatura que precisa de ajuste? Respostas simples para essa pergunta não são facilmente aceitas por dois motivos.

Primeiro porque banalizamos o mal, tratando-o como algo normal, sendo a anormalidade apenas a crueldade, tudo aferido menos que isso não é mal. É dessa forma que na verdade nos sentimos ao agir, e ainda nos percebemos benevolentes.

Segundo, por banalizar o mal, somos insensíveis quanto ao sentimento de vergonha, natural de quem erra. Tratamos o arrependimento como uma afronta, pois no fundo não agimos, confortavelmente, mal.

Lewis passa a elencar oito atitudes que concorrem para camuflar a maldade em nós. São comportamentos como: 1 – No fundo não aceitamos que somos maus, fingimos e mentimos a esse respeito; 2 – Usamos uma culpa comum à coletividade para camuflar nossa culpa pessoal;

3 – O tempo não anistia erros e pecados; 4 – Agimos com extremo cuidado para não nos sentir sujeitos, mas todos nós somos sujeitos; 5 – É possível identificar a verdade em um meio social entregue ao erro, mesmo em uma sociedade errada; 6 – A bondade é um freio para uma sociedade tendente à crueldade; 7 – O moralismo pode camuflar nossa dificuldade com a lei moral, mas a bondade divina a revela; e 8 – Precisamos assumir nossa prática do mal e não transferi-la, inclusive para o Criador.

Lewis seguirá; tentando responder: como chegamos a esse estado?

- A Queda do Homem.

A doutrina da queda está diretamente relacionada à doutrina do livre-arbítrio. Para Lewis a única função da primeira é a diferenciar e destacar das teorias do Monismo e Dualismo, a saber, para a doutrina do livre-arbítrio Deus, o Criador, é bom e fez todas as coisas boas, inclusive o livre-arbítrio, incluindo nele a possibilidade de escolha do mal pela criatura.

A doutrina da queda foge a qualquer esforço da ciência de explicar os aspectos envolvidos que resultaram na condição atual da humanidade. Lewis cita Agostinho na assertiva de que a queda significou o pecado do orgulho. O ser humano em Adão tinha a consciência da escolha de submeter-se ao Criador ou tornar-se o centro de si mesmo. A queda foi um ato de desobediência que não se restringiu a Adão e Eva, mas é cometido, cotidianamente, por todas as gerações, por infantes letrados ou analfabetos, porque não depende de conhecimento ou ciência, mas de escolha.

A queda atingiu todas as instâncias do ser humano, seu físico, psicológico, químico, ... sua relação com a natureza ao seu redor, de tal sorte que “O espírito humano, de mestre da natureza humana, tornou-se um mero inquilino em sua própria casa, ou mesmo um prisioneiro” (Lewis, 2021, p. 108), ele passou a experimentar e se alimentar do mal.

A pior consequência da queda foi afastar-se do seu Criador e fazer de si seu próprio ídolo, não percebendo o quanto isso o aproximava do mal. Passou a prestigiar o orgulho, a ganância, a desejar destruir os rivais, a buscar sem descanso uma nova fonte de segurança. O envolvimento com o mal fez surgir um novo tipo de ser humano, não criado por Deus, mas o constituído pela desordem e perversão.

Lewis, tratando do mal, finaliza arrazoando que:

A doutrina da Queda a partir do livre-arbítrio afirma que o mal, que torna o combustível ou matéria-prima para o segundo e mais complexo tipo de bem, não é contribuição de Deus, mas do homem. (LEWIS, 2021, p. 109).

- A Dor Humana

A dor, segundo Lewis, é inerente à condição e existência humana, considerando que sendo o ser humano passível de perversão, ao ser acometido dessa anomalia irá causar dor a si e aos seus semelhantes. Nessa perspectiva, a dor associa-se ao mal.

O erro, a perversão, o pecado, possuem um traço característico, quando mais terrivelmente profundo, menos o agente o identifica, sendo assim um mal mascarado. A dor, enquanto aquilo que é ruim e incomoda, é um mal desmascarado, é inconfundível, de percepção imediata. Dessa forma, Lewis, quer distinguir a dor enquanto condição humana, do mal causado pelo ser humano que resulta em dor.

Existe outro detalhe da dor trabalhado por Lewis, que se resume no fato de que há aspectos da dor que não são tidos como mal, mas que o Criador, Deus, utiliza-os para aperfeiçoar a criatura. Ele irá transformar o mal em um bem. Nesse sentido, ele irá dizer que “Deus nos sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores: esse é o megafone para despertar um mundo surdo” (Lewis, 2021, p. 122). Essa instrumentalização pode levar à rebelião e afastamento do ser humano do seu Criador, mas também pode conduzi-lo ao arrependimento e encanto com aquele.

Lewis irá desenvolver uma tipologia envolvendo a dor, o bem e o mal. 1 – Existe o bem simples, aquele que vem do Criador; 2 – O mal simples, que advém da criatura contra seu semelhante; 3 – A utilização terapêutica do mal simples pelo Criador; e 4 – A transformação terapêutica do mal simples em um bem complexo, que provém do sofrimento aceito e do arrependimento do causador do mal.

O fato de o Criador usar terapeuticamente o mal simples, não isenta de culpa e possibilidade de castigo quem o pratica, o opressor.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro *O Problema da Dor* C.S. Lewis, como fruto de sua persecução ao problema do mal, elaborou um conjunto de teses de natureza apologético-filosóficas, que defendem que o Criador é onipotente, pois estabeleceu uma ordem no universo, e esta atende ao requisito de submissão das criaturas a leis independentes, fixas e inexoráveis; que o Criador é bondoso, pois em sua perfeição moral procura fazer as criaturas felizes, mesmo quando estas confundem sofrimento e mal; que tudo que ele fez é bom, a natureza e o livre-arbítrio são um bem; que a maldade humana é resultado do abuso do livre-arbítrio; e que a dor e o mal nem sempre se identificam, podendo ligar-se pelo abuso do livre-arbítrio.

Essas postulações aproximam Lewis de parte do acervo teórico desenvolvido sobre o problema do mal por Agostinho, nesta pesquisa investigado no item 2.3.4 - O problema do mal na polêmica antimaniquêia de Santo Agostinho. As teses de Lewis podem ser categorizadas como uma posição ontológico-ético-moral-filosófico-religiosa, segundo Costa (2002).

C. S. Lewis não se preocupa em elaborar um acervo doutrinário próprio, mas, usando criativa e originalmente a base Agostiniana, embaça filosoficamente suas inquietações, como resposta própria ao problema do mal.

Finalizo o presente trabalho, firmando o entendimento de que a posição de Lewis no livro *O Problema da Dor* adequa-se a uma resposta de Defesa, não desenvolvendo assim uma Teodiceia, isso porque a preocupação intelectual de Lewis não o leva a firmar verdades ou declarar imposições com base nela, mas a estabelecer argumentos que concorrem para questionar a incompatibilidade da existência de Deus e a realidade do mal diante do sofrimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Kamila Caetano. **Teopoética de um guarda-roupa: o mal em C. S. Lewis**. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 4, n. 1, p. 127-135, dez. 2010. Disponível em: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/2293>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. **O problema do mal na polêmica antimanicúia de Santo Agostinho**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002. (Filosofia - 139).
- DURIEZ, Colin. **Atormentados: C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e a sombra do mal**. Rio de Janeiro: Lírio Publicações, 2019.
- FERREIRA, Arthur Barboza. **O tema da maldade na Trilogia Espacial de C. S. Lewis**. *Intertexto*, Uberaba, v. 12, n. 2, p. 123-140, set. 2019. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/3785>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- GREGGERSEN, Gabriele. **Sofrer, para quê? Um ensaio sobre o sofrimento no pensamento de C.S. Lewis**. *Revista Teológica*, [S. L.], v. 1, n. 9, p. 81-89, fev. 2016. Disponível em: <http://ead.teologica.net/revista/index.php/teologicaonline/article/view/22>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- INWAGEN, Peter van. **O problema do mal: as conferências Gifford proferidas na Universidade de St. Andrews em 2003**. Tradução e prefácio à edição brasileira, Sérgio Miranda – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.
- JUNGMANN, Rodrigo (org.). **Textos selecionados de filosofia da religião**. Pelotas: Dissertatio Filosofia, 2022. 330 p. (Série Investigação Filosófica). Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2022/06/SIFFR.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- LEWIS, Clive Staples. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- LEWIS, Clive Staples. **Cristianismo Puro e Simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, Clive Staples. **O Problema da Dor**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.
- MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia**. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- MIRANDA, Sérgio (org.). **O problema do mal: uma antologia de textos filosóficos**. Marília: Poiesis, 2016.
- VIRMES JUNIOR, Clacir. **O problema do mal na trilogia cósmica de C. S. Lewis**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2021.